

Construindo caminhos metodológicos para apreender as relações que (con)formam o Parque/ETE Lagoa Encantada em Cuiabá-MT

Bruna Santos e Silva
Marcia Alves Soares da Silva

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

RESUMO

Esta pesquisa busca delinear metodologias capazes de analisar relações sociais, sobretudo em sua dimensão afetiva, que se produzem no território. Tomamos como objeto o Parque/ETE Lagoa Encantada, em Cuiabá-MT, reconhecendo que suas potencialidades não se restringem ao que pode ser projetado, mas também emergem das práticas que acontecem apesar da precariedade e dos estigmas que desafiam o pertencimento. Interessa-nos compreender demandas que escapam às abordagens normativas e que são evidenciadas por aqueles que continuam produzindo vida no lugar. Para isso, ancoramos nossa investigação em aportes teóricos que sustentam a apreensão sensível do espaço e descrevemos o percurso metodológico construído em campo, reconhecendo seus ganhos e limitações. Os resultados não configuram um diagnóstico conclusivo, mas indicam fatores que engendram as relações no Parque/ETE, articulando condicionantes físicas, precariedades e vínculos afetivos que extrapolam seus limites formais. Essa perspectiva permite compreendê-lo como parte de um sistema de espaços livres costurado através de uma área relacional. A aproximação metodológica foi conduzida por meio de estratégias mistas - sombreado, métodos móveis, percurso narrado e análise comportamental - que possibilitaram acessar camadas visíveis e invisíveis da experiência cotidiana, revelando dinâmicas essenciais para a compreensão e o debate sobre espaços públicos periféricos.

PALAVRAS-CHAVE: metodologias mistas; periferia; vínculos afetivos.

ABSTRACT

This research seeks to outline methodologies capable of analyzing social relations, especially in their affective dimension, that are produced in the territory. We take as our object the Lagoa Encantada Park/Wastewater Treatment Plant in Cuiabá, Mato Grosso, recognizing that its potential is not limited to what can be designed, but also emerges from practices that take place despite the precariousness and stigmas that challenge belonging. We are interested in understanding demands that escape normative approaches and are evidenced by those who continue to produce life in the place. To this end, we anchor our investigation in theoretical contributions that support a sensitive understanding of space and describe the methodological path constructed in the field, recognizing its gains and limitations. The results do not constitute a conclusive diagnosis, but they indicate factors that engender relationships in the Park/ETE, articulating physical constraints, precariousness, and affective bonds that go beyond its formal limits. This perspective allows us to understand it as part of a system of free spaces stitched together through a relational area. The methodological approach was conducted using mixed strategies - shading, mobile methods, narrated routes, and behavioral analysis - which made it possible to access visible and invisible layers of everyday experience, revealing dynamics that are essential for understanding and debating peripheral public spaces.

KEYWORDS: mixed methodologies; periphery; emotional bonds.

1 INTRODUÇÃO

Observar as relações construídas a partir da experiência dos sujeitos no espaço, sobretudo os públicos, é um desafio que exige a aplicação de métodos capazes de acompanhar o real em sua feição multidimensional. Quando a dimensão espacial é elemento central da investigação, a dificuldade assume uma forma bastante concreta: a de estabelecer recortes, fronteiras, abordagens e definir as unidades de análise. Tais desígnios não são previamente definidos, é preciso construí-los a partir da experiência e experimentação. São arranjos produzidos pelo uso e pela apropriação do espaço, sendo necessário identificá-los e analisá-los, explorando as relações entre práticas coletivas e seus padrões de implantação espacial (Magnani, 1992).

Parte-se do reconhecimento de que o espaço vivido não se oferece como dado acabado ou plenamente decifrável, mas como campo instável, sensível e continuamente produzido. Nesse sentido, o objetivo do trabalho não é encerrar interpretações, mas deslocar modos consolidados de observar o espaço público, reposicionando a experiência cotidiana, os afetos e as narrativas como categorias analíticas centrais.

No caso do objeto deste estudo, o Parque e ETE Lagoa Encantada, essas premissas se tornam fulcrais em função dos estigmas e tensionamentos que ressoam sobre o território. Antes mesmo de ser Parque, o espaço já abrigava a Estação de Tratamento de Esgoto de algumas das localidades que compõem o bairro Morada da Serra, em Cuiabá-MT. O bairro é um dos maiores em extensão territorial e apresenta uma configuração majoritariamente estruturada por conjuntos habitacionais implantados a partir da década de 1970 (Silva et al., 2024). Seu processo de formação ocorreu de forma gradual, associado à descentralização do centro antigo de Cuiabá, decorrente da implantação do Centro Político Administrativo, que impulsionou o crescimento da Região Administrativa Norte. Sua distância em relação à Área Central permite caracterizá-lo como bairro periférico; contudo, trata-se também de um subcentro tradicional da cidade, em razão da diversidade e complementaridade de usos e serviços que abriga, articulando fluxos e práticas cotidianas que extrapolam seus limites imediatos (Borges, 2013).

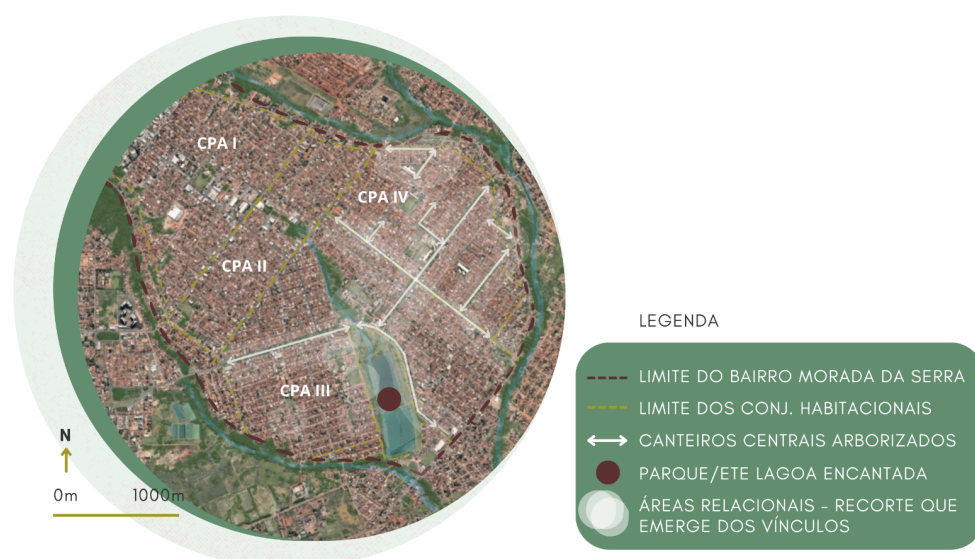
A área do Parque e da ETE possui aproximadamente 31 hectares, compreendendo edifícios comunitários e administrativos, academias ao ar livre, pista de caminhada e lagoas de tratamento de esgoto. O estado atual de conservação desses edifícios e mobiliários, marcado pela depredação e pela ausência de manutenção, reforça o estigma de “abandono” ainda associado ao lugar e desloca leituras convencionais de pertencimento fundadas na valorização material do ambiente.

Essa condição conduz a análise para uma escala territorial relacional, na qual o Parque é compreendido em articulação com outros Espaços Livres Públicos¹ do bairro, conformando uma espécie de sistema. Destacam-se, nesse conjunto, os canteiros centrais arborizados dos bairros CPA III e IV. O reconhecimento desse sistema se dá, sobretudo, no cotidiano, por meio das práticas e apropriações distribuídas ao longo das vias. Ainda que o Parque seja tomado como objeto central da análise, reconhecer

¹ ELPs;

sua inserção para além de seus limites físicos constitui ponto de partida para a compreensão de suas dinâmicas e relações.

Figura 1: Localização do Parque/ETE Lagoa Encantada e sua relação com os canteiros centrais arborizados;



Fonte: base - Google Earth, ilustrado pelas autoras, 2025.

Nesse contexto, o Parque configura-se como um espaço atravessado por articulações, tensões, estigmas e reinvenções, passíveis de apreensão e debate a partir de distintas áreas, abordagens e escalas de análise. Cabe destacar que esse lugar, inaugurado em 2009 sobre a referida ETE, resulta de reivindicações de moradores e de outras organizações que buscavam converter em espaço de educação ambiental e lazer uma área anteriormente associada, sobretudo nos noticiários e nas narrativas locais, à violência urbana e ao “abandono”.

Embora o Parque tenha sido efetivamente implantado - o que representa, apesar de suas contradições, a possibilidade de reconfiguração de uma paisagem inexoravelmente comprometida (Baptista, 2011) - parte significativa de seu projeto original deteriorou-se ao longo do tempo, reforçando o retrato de um espaço no qual a precarização tende a avultar. Ainda assim, o cotidiano do lugar revela a presença de uma população que segue produzindo dinâmicas singulares de apropriação, embora em número muito inferior à sua capacidade potencial (Silva et al., 2024).

É precisamente no entrelaçamento entre infraestruturas, estigmas e permanências que se situa o interesse desta pesquisa. Diante de uma paisagem que tensiona o pertencimento, busca-se apreender as relações que ali se produzem, sobretudo considerando que o bairro dispõe, atualmente, de outros ELPs, muitos dos quais recebem manutenção mais regular, embora apresentem dimensões espaciais mais modestas.



Esse contraste sugere que, para além da oferta objetiva, opera no Parque uma adesão de ordem simbólica e relacional que ultrapassa sua forma física, as premissas de seu projeto e, até mesmo, sua gestão. Trata-se, a partir de nossa investigação, de uma vinculação produzida no campo da subjetividade das relações sociais: afetos que se enraízam no plano individual, mas reverberam e se tornam identificáveis em processos coletivos.

Assim, compreende-se que os objetos físicos, apesar de condicionarem e, por vezes, determinarem a forma como o espaço é experimentado, constituem apenas uma parcela da experiência vivida. Reconhece-se que o espaço, em especial sua arquitetura, possui grande capacidade de suscitar tais fenômenos; contudo, aquilo que incide sobre o sujeito resulta de um conjunto articulado de fatores materiais e imateriais que atravessam a experiência espacial, exigindo, por isso, uma abordagem analítica ampliada (Matteis, 2021).

Desse modo, as condicionantes de apropriação do lugar mostram-se mais inteligíveis quando observadas a partir de uma perspectiva que extrapola suas determinações físicas. Num contexto marcado pela precarização material, as relações produzidas não se ancoram prioritariamente na forma visível do espaço, mas em camadas simbólicas e afetivas que escapam à leitura estritamente visual. Assim, as apropriações tornam-se apreensíveis apenas por meio de uma imersão no espaço vivido.

Ao abordar os processos de apreensão do espaço na escala do cotidiano socialmente produzido, apoiamo-nos nas reflexões de Uriarte (2012) acerca do etnografar lugares, segundo as quais o encontro com o campo nunca ocorre de forma desprovida de moldura teórica, afirmando que é a partir da indissociabilidade entre teoria e prática que emerge a possibilidade de construir ordens interpretativas.

Nesse sentido, aproximamo-nos de referenciais que propõem leituras da paisagem para além do objeto visível, condição necessária diante de um lugar cujas contradições desafiam explicações lineares (Lefebvre, 2021; Magnani, 1992; Paiva, 2024; Sandeville Jr., 2004; Queiroga, 2012).

2 CONSTRUINDO UMA INVESTIGAÇÃO AO EXPLORAR

Concordamos com Moraes e Neves (2007) quanto à importância de começar a explicitar as diretrizes de uma investigação através do posicionamento epistemológico. Diante disso, reafirmamos que nos interessa compreender as relações produzidas no encontro entre sujeitos, práticas e espaços. Considerando os limites de métodos e metodologias tradicionais para aquilo que nos propomos a apreender, convoca-se uma abordagem de caráter geoetnográfico, atenta às dimensões performativas da vida urbana: gestos, afetos, temporalidades e hábitos (Paiva et al., 2017).

Encontramos, na geoetnografia, uma possibilidade especialmente fecunda para sustentar nossa abordagem, por se tratar de uma postura epistemológica capaz de articular múltiplas dimensões analíticas e de apreender a vida urbana enquanto conjunto de padrões espaço-temporais, sem desconsiderar as intervenções e emergências que os tensionam e, por vezes, os rompem (Paiva et al., 2017). Nesse esforço, voltamo-nos a metodologias que nos aproximassem da dimensão sensível da experiência, reconhecendo as condicionantes físicas como elementos de um mesmo tecido no qual materialidades e afetos se coproduzem.



Ao acolher essa perspectiva, reconhecemos ainda que ela admite a presença do pesquisador e de sua experiência no processo interpretativo (Uriarte, 2012), o que amplia as possibilidades de leitura do campo e contribui de maneira significativa para os desdobramentos da investigação. Nessa direção, compreendemos a geoetnografia como uma postura investigativa engajada, que reposiciona o pesquisador no interior da ação social de maneira espacializada, permitindo que deixe de ocupar o lugar de observador externo restrito aos discursos dos sujeitos, para se aproximar da experiência vivida e da atividade social “por dentro”.

Pretendemos construir um percurso metodológico que emerge da singularidade do lugar e das demandas que ele próprio nos apresenta. Essa construção se dá como um itinerário: uma disposição para acompanhar o que o território revela, convocando procedimentos capazes de responder às suas especificidades. Ao explorar diferentes metodologias, conferimos à pesquisa um modo de “fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista” (Moraes e Neves, 2007), que se articula às premissas teóricas aqui explicitadas e se ajusta conforme o campo se desdobra.

Reconhecer o Parque/ETE a partir de uma área relacional (expressa na Figura 1), concebida como sistema a partir das apropriações cotidianas que compõem vetores de deslocamento e ritmos de vida, implica adotar metodologias capazes de apreender o espaço em diferentes escalas. Nesse sentido, as abordagens mistas revelam grande potencial para abarcar a área de estudo e explicitar, de modo mais nítido, aquilo que os usuários costuram como um todo articulado. Trata-se de um entendimento que transcende a forma e as dimensões métricas, apontando para aspectos que partem da materialidade, mas não se esgotam nela.

É justamente dessa abertura processual que deriva sua força provocativa: ao evidenciar que, muitas vezes, uma única metodologia não é suficiente para apreender as relações que constituem o espaço e lhe conferem significado para quem mais importa: seus usuários. Ao tornar explícito esse movimento, buscamos afirmar a necessidade de abordagens que articulem diferentes procedimentos e sensibilidades, capazes de acompanhar a complexidade do cotidiano e das múltiplas formas de apropriação que dão vida ao território.

2.1 A aplicação de metodologias mistas: em sombreado e em movimento

Buscando iniciar nossa investigação “por dentro”, aproximamo-nos do campo por meio do método sombreado (Paiva, 2024). Trata-se de um procedimento que permite observar de perto, acompanhar ações e participar do cotidiano, diligenciando para reduzir interferências nos modos de ser e de estar dos sujeitos e, assim, captar as dinâmicas em sua ocorrência ordinária. Ao mesmo tempo, o método não pressupõe a neutralização da experiência do pesquisador, mas reconhece sua presença como parte constitutiva do processo interpretativo, entendendo que a tentativa de apagá-la implicaria uma perda significativa para a compreensão do lugar. Configura-se, portanto, como uma forma de olhar “de dentro, de perto e de baixo”, um estar presente “na sombra”, que sustenta o equilíbrio entre o cuidado em não alterar as práticas e a valorização da experiência vivida como fonte legítima de conhecimento.

O sombreado permitiu que observássemos concentrações específicas de pessoas em determinados pontos do recorte estudado, as quais, em análises iniciais, foram interpretadas a partir dos condicionantes físicos do espaço, sobretudo aqueles relacionados ao conforto térmico, à proximidade de edificações em melhor estado de

conservação e à orientação dos eixos visuais das vias. Em complemento, na defesa de uma aplicação mista, aproximamo-nos das metodologias móveis - especialmente em suas vertentes criativas. A adição dessa perspectiva não se justifica apenas pela possibilidade de coletar dados sobre deslocamentos, mas também por favorecer a compreensão das mobilidades em suas múltiplas manifestações (Buscher e Veloso, 2018).

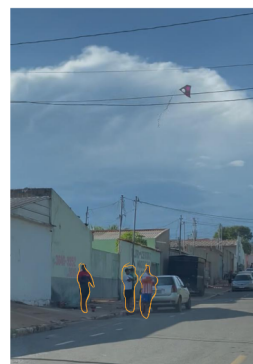
A aplicação das metodologias móveis, contudo, provocou a apreensão de outros indicativos, que se manifestam em esferas individuais, mas possuem dimensão coletiva: relações que emergem da forma do espaço, mas que também se vinculam a posições sociais. Ao reconhecer que esses fatores condicionam fundamentalmente a experiência nos espaços, compreendemos que a apreensão dessas relações permite pensar a paisagem sob a perspectiva de maior democratização e inclusão.

Em campo, o primeiro procedimento consistiu na seleção de um ponto fixo no interior do Parque para a observação das experiências e dos deslocamentos dos sujeitos em sua relação com a temporalidade. Essa estratégia possibilitou analisar os ritmos inscritos no lugar e compreender como um mesmo espaço pode abrigar diferentes grupos e práticas, bem como como essas ações, a depender do dia e do horário, se redistribuem e se espacializam em distintos pontos da área relacional.

Observou-se que as tardes dos finais de semana apresentam uma apropriação mais intensa, motivada sobretudo pela prática da soltura de pipas, evidenciando que essa ocupação não se restringe ao interior do Parque, mas também ao canteiro central e à via local que margeia lateralmente o Parque (figura 2). A potência dessa apropriação torna-se particularmente evidente nesse trecho, uma vez que a referida via é contornada pelas laterais dos lotes das ruas perpendiculares, e poucos imóveis possuem aberturas voltadas para ela, revelando uma relação de incongruência morfológica e funcional com o equipamento.

Ademais, a análise do estado de conservação - mencionada anteriormente - apontou que os mobiliários e edificações mais depredados do Parque concentram-se ao longo dessa via. Ainda assim, essa prática tem o potencial de ressignificar a atmosfera do lugar, instaurando ritmos e (re)produzindo uma dimensão cultural frequentemente associada às periferias brasileiras - oferecendo um retrato fértil que pode fundamentar novas discussões acerca do tema.

Figura 2: A prática de soltar pipa (dentro e nos arredores do Parque/ETE);



Em um segundo momento, passamos a percorrer os caminhos do Parque, não apenas aqueles oficialmente demarcados pelo projeto formal, mas sobretudo os definidos pelas marcas de trajeto, indicativas de práticas motivadas por necessidade ou preferência. Ao nos deslocarmos pelo espaço, foi possível perceber tais marcas materializadas como vestígios das experiências que conferem ao lugar uma narrativa própria. Esse procedimento possibilitou identificar percursos usuais e marcas de uso menos evidentes, por vezes criminalizadas, que delimitam setores mais discretos do Parque.

Esses indícios revelam que a apropriação de espaços com eixo visual voltado para a via pública - conforme diagnosticado na etapa do sombreado, que permitiu apreender os dados a partir da observação da ação em ato - não é universal e, em alguns casos, é evitada, evidenciando tanto escolhas quanto limitações na experiência espacial dos usuários.

Desse modo, a conjugação entre as duas metodologias possibilitou uma abordagem abrangente, capaz de analisar os sujeitos no momento de produção das práticas e de acompanhar aquilo que se mobiliza antes, durante e depois dessas ações, permitindo entrever tanto o que se manifesta quanto os indícios do que pode vir a se constituir. Reconhece-se, assim, que nem tudo no lugar é imediatamente acessível ao olhar. Por essa razão, a articulação metodológica adotada, ancorada em sucessivas idas a campo, em diferentes dias da semana e horários, mostrou-se fundamental para a apreensão das camadas invisibilizadas que atravessam o espaço.

2.2 A aplicação de metodologias mistas: o percurso narrado

Compreendendo a multiplicidade de caminhos e indícios revelados na etapa anterior, optamos por avançar para uma abordagem em que o pesquisador se apresenta explicitamente aos sujeitos, partindo do entendimento de que experienciar o espaço a partir dessas duas posições poderia ampliar os alcances da investigação. Adotamos, assim, procedimentos metodológicos construídos em consonância com o interesse em apreender dimensões que extrapolam aquilo que se apresenta de forma nítida. Nesse processo, após experimentações iniciais - que incluíram, inclusive, o uso de biossensores (Paiva et al., 2023; Silva et al., 2024) -, optamos pelo percurso narrado como ferramenta capaz de conduzir à produção de dados híbridos.

A proposta metodológica pressupõe que o participante conduza o trajeto, apresentando o Parque como se este lhe fosse desconhecido. Ainda que esta etapa tenha sido realizada com moradores que já mantinham algum vínculo com o Parque, tal aplicação não se restringe a esse grupo específico, nem esgota as possibilidades de uso da metodologia, que permanece aberta a outras configurações de público, contextos e investigações futuras.

Trata-se, portanto, de uma narrativa aberta, na qual o sujeito relata aquilo que considera significativo, ainda que, ao longo do trajeto, sejam lançadas provocações pontuais com o intuito de favorecer a fluidez e a espontaneidade do relato.

Os percursos foram realizados individualmente e produziram indícios relevantes já no momento inicial, especialmente na escolha do ponto de encontro pelos próprios



participantes. Este fator nos permitiu acessar o imaginário dos sujeitos, apreender quais locais do Parque operam como referências espaciais, como se organizam em termos de orientação e quais áreas são consideradas adequadas ou “seguras” para aguardar. Por tratar-se de uma etapa ensaísta, a metodologia foi aplicada, até o momento, a quatro participantes (dois homens e duas mulheres), com idades entre 27 e 51 anos. A forma como os participantes nomearam os locais escolhidos, utilizando expressões como “pracinha”, “área próxima à polícia e aos escoteiros” ou “perto da ponte de madeira”, revelou a atribuição de pracialidades (Queiroga, 2012) e de recintos urbanos (Cullen, 1961).

Os percursos apresentaram variações quanto aos pontos de origem, às paradas e à duração. Quando indagados sobre suas escolhas, os participantes atribuíram-nas principalmente à localização de suas residências e aos acessos que estruturam os eixos de deslocamento conectados aos canteiros centrais. Ademais, os trajetos foram justificados por fatores como o conforto térmico - proporcionado pelo sombreamento das árvores - e a intensidade do fluxo de pessoas nas ruas e no interior do Parque.

Esses elementos evidenciam que determinadas ações são conscientemente associadas a condicionantes físicas, mas, de maneira concomitante, deixam entrever camadas emocionais que atravessam a experiência: sensações que operam como consequência das condições espaciais, mas também como causa que orienta e molda o percurso. Assim, práticas guiadas por fatores objetivos carregam também componentes afetivos que se ativam na relação entre corpo e ambiente.

Os percursos narrados ocorreram em dias alternados, no início da manhã (entre 7h e 8h) e no final da tarde (entre 16h e 17h). Esses intervalos temporais foram definidos em função da disponibilidade dos participantes, da percepção de maior segurança - associada à presença de usuários no Parque - e da necessidade de evitar os horários de maior incidência térmica, aspecto particularmente relevante no contexto climático de Cuiabá. Observou-se que os percursos realizados pela manhã tendiam a ser mais longos, sendo a duração média das caminhadas de aproximadamente 40 minutos.

Tais dinâmicas salientam ritmos de vida que se inscrevem no espaço e o produzem cotidianamente. Embora o percurso narrado registre experiências singulares, suas narrativas evidenciam o impacto dos ritmos sociais sobre as performances corporais, sugerindo que a caminhada é continuamente atravessada por padrões previamente incorporados.

Como suporte metodológico, foi elaborado um diário de campo destinado ao registro sistemático e minucioso das observações feitas ao longo dos percursos, articulado à fonografia (Paiva, 2024).

A partir dessas narrativas, algumas recorrências tornaram-se evidentes, entre elas as relações interpessoais associadas ao sentido de lugar (Silva; Maciel, 2020). Em todos os percursos realizados até o presente momento, os participantes, ao apontarem trechos significativos, evocaram pessoas com quem compartilham esses espaços ou que lhes vieram à memória durante o trajeto. Essa dimensão evidencia que a relação com o espaço é atravessada por uma camada afetiva, na qual “as relações entre pessoas e delas com o espaço estão diretamente interligadas e se completam” (Silva; Maciel, 2020, p. 190).

Observam-se, nessa esfera, elementos que cooperam para a configuração da relação social em sua dimensão sensível. Em todas as narrativas emergem ambivalências que reconhecem conflitos, mas também evidenciam as potencialidades do lugar. O gesto

de “apontar” (figura 3) mostrou-se recorrente ao longo dos percursos, configurando-se como uma prática reveladora, por meio da qual os participantes indicavam referências marcadas por identificação e reconhecimento. Nesse gesto, parecem residir vínculos de identidade com o espaço - lugares que afetaram, foram afetados e se tornaram significativos na experiência cotidiana destes sujeitos.

Figura 3: O gesto de apontar;



Fonte: Registro e ilustração das autoras, 2025.

Para acessar essa camada da experiência, incorporou-se à pesquisa uma breve análise comportamental, utilizada de modo complementar, uma vez que não constitui o eixo central do estudo. A abordagem busca identificar indícios corporais de vínculo emocional, com o intuito de captar aquilo que antecede a consciência (Lindón, 2017) e que, muitas vezes, não se expressa verbalmente - escapando, portanto, ao que poderia ser dito ao longo do percurso narrado.

Acredita-se que essa incorporação tensiona discursos que tendem a reduzir o lugar à precariedade, permitindo ultrapassar a superfície de dados cristalizados e acessar camadas menos evidentes da relação entre sujeito e espaço. Dessa forma, amplia-se o campo interpretativo, adicionando outras dimensões sensíveis que contribuem para compreender como o território é vivido, significado e afetivamente produzido.



Entre os comportamentos observados, destacam-se o passo acelerado em determinados trechos - cuja apreensão não se dava pela voz, mas se tornava ainda mais perceptível no silêncio - , especialmente em áreas descampadas e com baixa permeabilidade visual em relação à via pública; o gesto de apontar, já mencionado, como forte indicador de vínculo afetivo; e os olhares atentos dirigidos a quem circulava pelos caminhos escolhidos. Este último comportamento, como síntese do observado em campo, mostrou-se associado à lógica de “pedaço” (Magnani, 1992), evidenciando formas de apropriação e reconhecimento territorial.

Desde os primeiros reconhecimentos do lugar, observou-se a diversidade de grupos que ocupavam o espaço. Entre eles, chamou atenção a presença expressiva de pessoas em uso de tornozeleiras eletrônicas, que, por vezes, organizavam-se em grupos. Durante os percursos narrados, foram observados olhares atentos, expressões de desconforto e pequenas interceptações no trajeto por parte dos participantes, mesmo na ausência de interação direta ou de qualquer situação explícita de conflito. Esses registros sugerem que tal presença era percebida como um elemento a ser considerado na condução dos percursos, influenciando, ainda que de forma sutil, os modos de caminhar e de permanecer no espaço.

Evidencia-se, assim, que, embora diversas atividades e grupos coexistam no mesmo território, alguns configuram formas particulares de presença e apropriação. A noção de “ser do pedaço” (Magnani, 1992) contribui para compreender essas relações como resultado não apenas da frequência de uso, mas também de códigos implícitos que organizam pertencimentos e distanciamentos entre os sujeitos. Tal dinâmica reafirma a necessidade e a pertinência de acessar outras camadas da experiência que extrapolam as condicionantes físicas, revelando que a produção do espaço vivido é igualmente atravessada por dimensões simbólicas, afetivas e relacionais.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Mais do que produzir um diagnóstico preciso, nosso compromisso reside no esforço de propor metodologias capazes de acessar aquilo que o espaço indica conter, orientando um caminho para apreender as dimensões sensíveis da experiência cotidiana.

Nesse sentido, reafirma-se que nossa tarefa não consiste em formular uma avaliação de valor sobre este Equipamento de Uso Múltiplo, mas em propor uma forma relacional de observá-lo (Matteis, 2012). Tal abordagem se viabilizou por meio de metodologias mistas, capazes de apreender dinâmicas em múltiplas nuances e de avançar na compreensão das interações, tensões e afetos que conformam o território.

Ademais, reconhece-se que a articulação entre diferentes metodologias possibilitou acessar camadas invisíveis a leituras estritamente técnicas, transformando vivências em material analítico. Trata-se, portanto, de evidenciar a potência de abordagens capazes de tensionar narrativas que reduzem lugares como este à precariedade, revelando-os como territórios vivos, densos de relações e sentidos.

Essa abertura analítica não apenas amplia o entendimento sobre o Parque/ETE, mas também sinaliza caminhos para repensar a produção de conhecimento e de projetos voltados a espaços públicos, sobretudo os inseridos em áreas periféricas. Ao demonstrar que afetos, conflitos e práticas cotidianas constituem camadas

estruturantes do território o estudo afirma a necessidade de que tais dimensões sejam incorporadas nos processos de desenho e gestão.

Assim, mais do que propor uma leitura específica deste caso, a investigação evidencia a necessidade de metodologias capazes de acompanhar a complexidade do espaço vivido, condição fundamental para intervenções enraizadas nas realidades e potências do cotidiano. Reconhece-se, contudo, que processos de apreensão sensível do espaço são desafiadores precisamente porque abrem muitas portas: exigem interlocução interdisciplinar, multiplicam caminhos possíveis e, por vezes, correm o risco de permanecer longamente no campo da discussão. Ainda assim, mesmo quando não produzem sínteses imediatas, têm a potência de deslocar o olhar para as ordinariedades - aquilo que costuma permanecer à margem das análises tradicionais, mas estrutura de maneira decisiva a vida cotidiana.

Defende-se que procedimentos como os aqui apresentados deveriam anteceder projetos de paisagem, por favorecerem maior proximidade às demandas concretas das comunidades e às experiências que escapam às abordagens normativas (Sandeville Jr., 2003). A escuta, o caminhar e a observação emergem, assim, como ferramentas essenciais para intervenções comprometidas com a vida cotidiana e com os múltiplos sentidos que produzem o lugar.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Martha. Lagoa Encantada: Estação de tratamento de esgotos não precisa ser feia. **Revista Brasileira de Saneamento e Meio Ambiente**: BIO, Rio de Janeiro, n. 56, p. 37-39, 2011.

BORGES, Rafael da Costa. **A Centralidade Intraurbana em Cuiabá**. 2013. 138 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013. Disponível em: https://ri.ufmt.br/bitstream/1/1260/1/DISS_2013_Rhafael%20da%20Costa%20Borges.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

BÜSCHER, Monika; VELOSO, Leticia. Métodos Móveis. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 30, n. 2, p. 133-151, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/142258>.. Acesso em: 27 jun. 2025.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **Elementos de ritmanálise**: e outros ensaios sobre temporalidades. 1ª. ed. [S. I.]: Consequência, 2021.

LINDÓN, Alicia. La ciudad movimiento: cotidianidades, afectividades corporizadas y redes topológicas. **InMediaciones de la Comunicación**, [S. I.], v. 12, n.1, p. 107-126, 2017. Disponível em: <https://revistas.ort.edu.uy/inmediaciones-de-la-comunicacion/article/view/2668>. Acesso em: 20 set. 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 191-203, 1992.

MATTEIS, Frederico De. **Affective Spaces**: architecture and the living body. [S. I.]: Routledge, 2020. v. 35.

MORAIS, Ana Maria; NEVES, Isabel Pestana. Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, v. 20, n. 2, p. 75-104, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37420204.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2025.

PAIVA, Daniel. **Manual de métodos qualitativos em geografia**. Lisboa: Centro de estudos geográficos, 2024. 170 p. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10451/64117/1/Paiva_Daniel_2024.pdf. Acesso em: 20 jan. 2025.

PAIVA, Daniel; CACHINHO, Herculano; BARATA-SALGUEIRO, Teresa; AMÍLCAR, Anselmo. A criação de geoetnografias como metodologia para o estudo dos ritmos urbanos: uma aplicação no Chiado, Lisboa. **GEOcrítica: Scripta Nova**, Lisboa, v. XXI, n. 569, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/345439002_569_A_criacao_de_geoetnografias_como_metodologia_para_o_estudo_dos_ritmos_urbanos_Uma_aplicacao_no_Chiado_Lisboa. Acesso em: 9 dez. 2025.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **Dimensões públicas do Espaço Contemporâneo: Resistências e transformações dos territórios, paisagens e lugares urbanos brasileiros**. 2012. 284 f. Tese (Livre-docência em Paisagem e Ambiente) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SANDEVILLE JR, Euler. Um roteiro para estudo da paisagem intra-urbana (1). Paisagem e Ambiente, São Paulo, ed. 2, 2004. Disponível em: <https://biosphera21.net.br/E-ARQUIVOS/PUBLICACOES/2004-Euler-Sandeville-paisagemroteiro.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2025.

SILVA, Augusto Rodrigo Bezerra da; MACIEL, Caio Augusto Amorim. Entre emoções e afetos na geografia: uma imersão no município de Solidão, Pernambuco. **GeoSertões**, Campina Grande, v. 5, n. 9, p. 176-199, 2020. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/article/view/1452/pdf>. Acesso em: 9 dez. 2025.

SILVA, Bruna; SOUZA, Luciana; AZEVEDO, Doriane; FRAPORTI, Frank; SILVA, Tamires. Condicionantes para apropriação dos Espaços Livres Públicos do Bairro Morada da Serra em Cuiabá-MT. In: PNUM - Morfologias (re)existentes: Identidades, vivências e processos, 12º., 2024, Belém. **Anais Eletrônicos** (Caderno de Resumos) [...]. Belém:2024. p. 104. Disponível em: https://www.pnum2024.com/_files/ugd/2316f3_ff5954e14cc94fd2bede720a143fdd7e.pdf. Acesso em: 30 de jan. de 2025.

Silva, Marcia Alves Soares da; PAIVA, Dainel; FERREIRA, Daniela. Biossensores móveis para análise de experiências emocionais em contextos urbanos. In: Congresso Brasileiro de Geógrafas e Geógrafos: geo-grafando para construir o Brasil, VIII, 2024, São Paulo. **Anais Eletrônicos** [...]. São Paulo: 2024. Disponível em: https://www.cbg2024.agb.org.br/resources/anais/9/cbg2024/1726177520_ARQUIVO_555b56a0f89bd30728fa3d4afa48fcda.pdf. Acesso em: 11 de dez. de 2025.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, São Paulo, Brasil, v. 11, p. 1–14, 2012. DOI: 10.4000/pontourbe.300. Disponível em: <https://revistas.usp.br/pontourbe/article/view/219809>. Acesso em: 10 dez. 2025.

